a palavra corta a pedra

barros pinho

deixa a palavra
cortar a pedra
sem o silêncio
incomodar
o tédio dos homens

deixa a palavra
cortar o vazio
para não comprometer
o perfume das coisas

deixa a palavra
limpar o rio
a sintaxe enxuga
o pranto

se a sombra
tem raiz no sol
a noite nunca
extingue a solidão

carta de outono

barros pinho

escrevo para ti que não conheço
no segredo que fere o úmido do orvalho
na linha azul onde o tempo escreve a avidez
no papel de nuvem a nuvem mais branca do céu
o céu de ninguém na existência profética dos rios
a descer sobre o vale na terra morena de teu corpo
na semântica do vento na palavra de augúrio da cigana
envolta no feitiço na sedução do fruto maduro
em tua boca a flor salgada a saltar do mar
no relâmpago uma pupila de seda de teus olhos grandes
se espreita a sombra no último gosto da espera
uma lembrança de sol arde no perfume de tua pele
e pássaros tocam flauta de palha no teu ventre de flor
a aurora acorda na reticência de rosas no púbis das estrelas
o teu olhar abre a tarde para o anúncio próximo da noite
a colina ofegante de teu corpo afaga a chuva fina em teus cabelos
enquanto a vida planta eternidade no luar de tua vagina
viajor de sonho contemplo teus pés pisando pedras no riacho raso
onde borboletas se extinguem enternecidas na volúpia
das abelhas postas em teus seios entumecidos de distância
na homilia das águas celebrando desejos o desejo
interminável das insônias onde as madrugadas nunca se extraviam.

meus legados

barros pinho

quando minha mãe
me legou o rio
lavrei meu destino
para lavar pedras

meu pai sisudo
deu-me um alforje
de punhais de terra
e a missão de rasgar
os labirintos do sol

uma advertência
escrita nas folhas

cuida do rio menino
sem perder
o orvalho de vista
ele antecede
a relva dos caminhos

se tudo estiver escuro
não ultrapasse o vaga-lume
a aurora nunca precisa
de espelho para chegar

meu filho os riachos
tão indiferentes
sabem suprir
a ânsia do mar

natal no evangelho das abelhas

barros pinho

neste natal
para todas as aflições
elejo o evangelho das abelhas
para a alegria
acendo o vaga-lume da espera
no triste teço tardes sonolentas
na cor do verão
onde os bois se consolam a ruminar inverno
no amor
edito sóbrias promessas de redenção
na vírgula extinta das coisas as mais simples
invento rios onde a palavra nunca se esgota
o canto do pássaro na música sacra não se extingue
os peixes
a fábula ouro a sonhar o sonho da água limpa
os livros como sinos épicos
a dobrar a dobrar incessante incessante
a dobrar a dobrar a interminável dor fonte da solidão

neste natal
te prometo no lápis do mel outra bíblia
a escritura em versos no versículo da flor extraviada
na ciranda da paixão avulsa pelo resto de paz na terra